

Senhor dos Passos

Devotissima imagem venerada no templo de Santa Cruz, em Braga

(Esculptura do dist. artista bracarense sr. João Evangelista Vieira)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Photo-Bazar

Deposito geral

Artigos fotograficos

Maquinas e accessorios:
chapas, papeis e produtos,
cartonagens e novidades.

— ■ —
Praça da Liberdade, 99—PORTO



Peçam o nosso catalogo n.º 10



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 3 de abril de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 92—Anno II



P.º Wlodimiro Ledochowslei
Recentemente nomeado Proposito Geral da Companhia de Jesus

Chronica da Semana

CI

POR DENTRO . . .

SEMANA SANTA . . . E as giestas põem nos campos a maguada côr das chagas, e os aguaceiros enevoam os panoramas sombrios da montanha. Ha todo um silencioso recolhimento de mysterio nos pinheirões que psalmodiam longamente as dôres do vento vagabundo. Ouve-se, a distancia, a toada funebre d'um sino. O sol vae a tomar. Mulheres passam no caminho, chales pela cabeça, a rezar, a rezar para a via-sacra. E na igreja branca entre a verdura, como um cysne sobre um lago quieto ha muito tempo, a penumbra da tarde transpondo os janellões gradeados, varre os altares despidos e destacam o rubor dos amarellados cirios . . .

Não ha pompas na velha igreja parochial. Do côro não de cem vozes de cantores afamados, nem o tecto abriga vestidos do ultimo figurino, berrando de côres como um sacrilegio.

Outro tanto não acontece nas cidades. N'uma, d'estas provincias do norte, assistimos nós, ha dias, a uma festividade que de religiosa só teve o nome. Já na vespera um annuncio d'ella nas gazetas tudo revelou sobre o que a dentro do vasto templo iria acontecer. O programma era preenchido totalmente por indicações das peças de musica lá tocadas em fanfarra, e das excellentissimas senhoras primas-donnas que haviam de gargantear os trechos d'opera. Rapidamente, a funcção religiosa era indicada em duas ou tres linhas ao fim da nota, e até o sermão do illustre ornamento da sacra tribuna tinha, alli, no meio dos outros *numeros* da festa, um ar de conferencia elegante feita n'um *music hall* ás mais lindas mulheres da alta roda . . .

No seu altar a Virgem das Dôres, — imagem tão linda como um lirio, symbolo da sublimidade das lagrimas das mães humildes e pobresinhas — havia de ter chorado mais, deante d'aqueles olhos que sorriam de orgulho, á sombra das plumas dos chapéus caros, n'um ambiente de perfumes sensuaes, como as formas. Alguem a nosso lado (pois não fôramos lá por devoção) apontava na confraria alli em pose de parada, as figuras de alguns confessos filhos da viuva, e na massa negra das sobrecasacas rigidadas como de ferro, graves cabeças trahiam no fundo a nenhuma presença de fé nos corações.

Tudo alli estava, menos ella . . . a fé do catholicismo . . . Ah! que dava, sim, vontade de affixar na portaria dois ou tres versos do Junqueiro ou do Gomes Leal do tempo em que vaticinava o fim de um mundo!

Porque nós, que somos afinal *carolas* como poucos,

devemos confessar que o melhor commentario á festa, appareceu no dia seguinte na folha democratica do burgo, deduzida é claro, a boa porção de termos d'arriero em que ella usa embrulhar seu pensamento. Não deixou mesmo de vir muito a proposito aquella romantica evocação de Jesus Christo, interrompendo as ceremonias, na face a expressão nobre com que Elle respondeu ao Pretor de Liberio, a tuni a simples de burel grosseiro cahindo-lhe dos hombros altos, e co rendo para fóra da igreja, de latego na mão, os novos phariseus, os novos vendilhões . . .

Bem desconfiámos que aquellas linhas foram traçadas por um sentimental descrente nosso amigo, com o evangelismo tolstoiano a dominar-lhe o cerebro, e a afogar-lhe as ideias em bruma de visões impossiveis — porque para traz não volve o homem seu olhar de ambição e orgulho.

. . . De sorte que a reforma no campo religioso tem de ser profunda, começando por baixo, isto é, collocando á frente dos rebanhos parochiaes padres verdadeiramente apostolicos que escorrassem das naves os *snoobs* de cafés cantantes e chamem para junto das aras, muitos ou poucos, os fieis convictos do catholicismo que a opposição á republica e um resurgimento pagão de costumes pretende malsinar em nossos dias. E, ao mesmo tempo, não esqueçamos que é urgente transformar um bom numero de confarias, de ramificações do Grande Oriente . . . em corporações de culto digno e piedade acendrada, e as pompas nunca devem ser tantas que abafem o sentimento christão puro e cheio de clareza . . . porque ser catholico não é dar dinheiro aos armadores.

. . . A' sahidia da igreja chegavam os jornaes de Lisboa que logo circularam por mãos de todos, n'aquelle já historico passeio da praça a que a mordacidade dos irreverentes litteratos poz o nome de *club* dos encostados. E como entrassemos n'um grupo de má lingua logo ouvimos o fragor das discussões que das paginas do *Nacional* e da *Nação* transbordaram já para a vida dos centros de cavaco.

A questão dymnastica a que mui propriamente um jornalista chamou a pelle do urso, teve nos meios realistas o effeito das pedras ao cair nos charcos: trazer á superficie os lódos das fundalhas que no caso sujeito, são os velhos resentimentos dos partidos.

No fundo, a *Nação*, foi a tabella do bilhar. E se em má hora houvessemos tomado o encargo de escrever a historia d'isto tudo, intitulariamos o capitulo de hoje com estes dizeres de resaibo antigo: — *de como um franquista não pôde vêr um dissidente e vice-versa . . .*

F. V.



VIDA INTENSA

DIZ o povo ingenuamente, *ha males que veem por bens*, e o povo, tem sempre para todas as coisas da vida uma suave philosophia. Povo do mar, indolente, sentimental, tem invariavelmente, perante as suas desgraças ou as suas alegrias, a mesma formula resignada passiva do *Lazaroni*, perante o acontecido irreparavel... Romantico, soffredor, inconsciente mas generoso, as suas maximas têm talvez fatalidade — esse curioso detalhe typico do meridionalismo — mas tem expressão... A' memoria me accode, pois, a maxima ingenua, ao ler, no noticiario frio dos jornaes, o relato doloroso do incendio de Seide.

A destruição da thebayda do mestre, sendo uma nova e cruel desgraça para aquella desventurada familia, foi para nós tambem um amargo beneficio. O incendio, devorando essa reliquia preciosa,

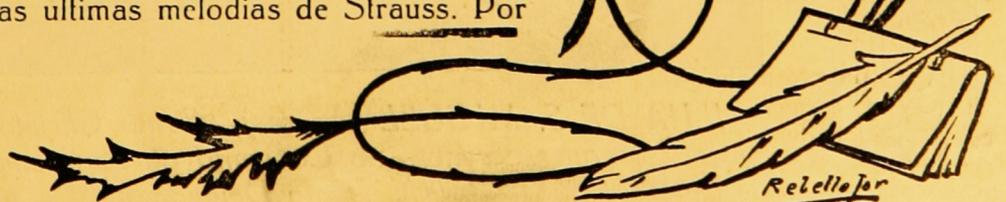


Grupo de artistas que faziam parte da Companhia de Zarzuela que ha tempos debutou no Salão-Theatro do Club dos Invenciveis, de Braga, alguns dos quaes foram victimas d'uma catastrophe produzida pelo choque de comboios na linha de Orense (Hespanha)

destruindo, voraz, tantas recordações saudozissimas, em cinza converteu tambem o poderoso testemunho do nosso esquecimento.

Seide foi, no fim da vida agitada de Camillo, qualquer coisa d'intimo, d'amparador, d'amargura e de desespero, de bôa e amiga reparadora companhia, no meio de tanta desillusão, de tanta ingratidão, de tanta incerteza!

Debaixo d'aquellas paredes, amou, sonhou, soffreu o maior, o mais vibrante lapidador da lingua, o mais humano divulgador dos corações. Por aquellas sallas echoaram as derradeiras amarguras do romancista, á mistura com as ultimas melodias de Strauss. Por



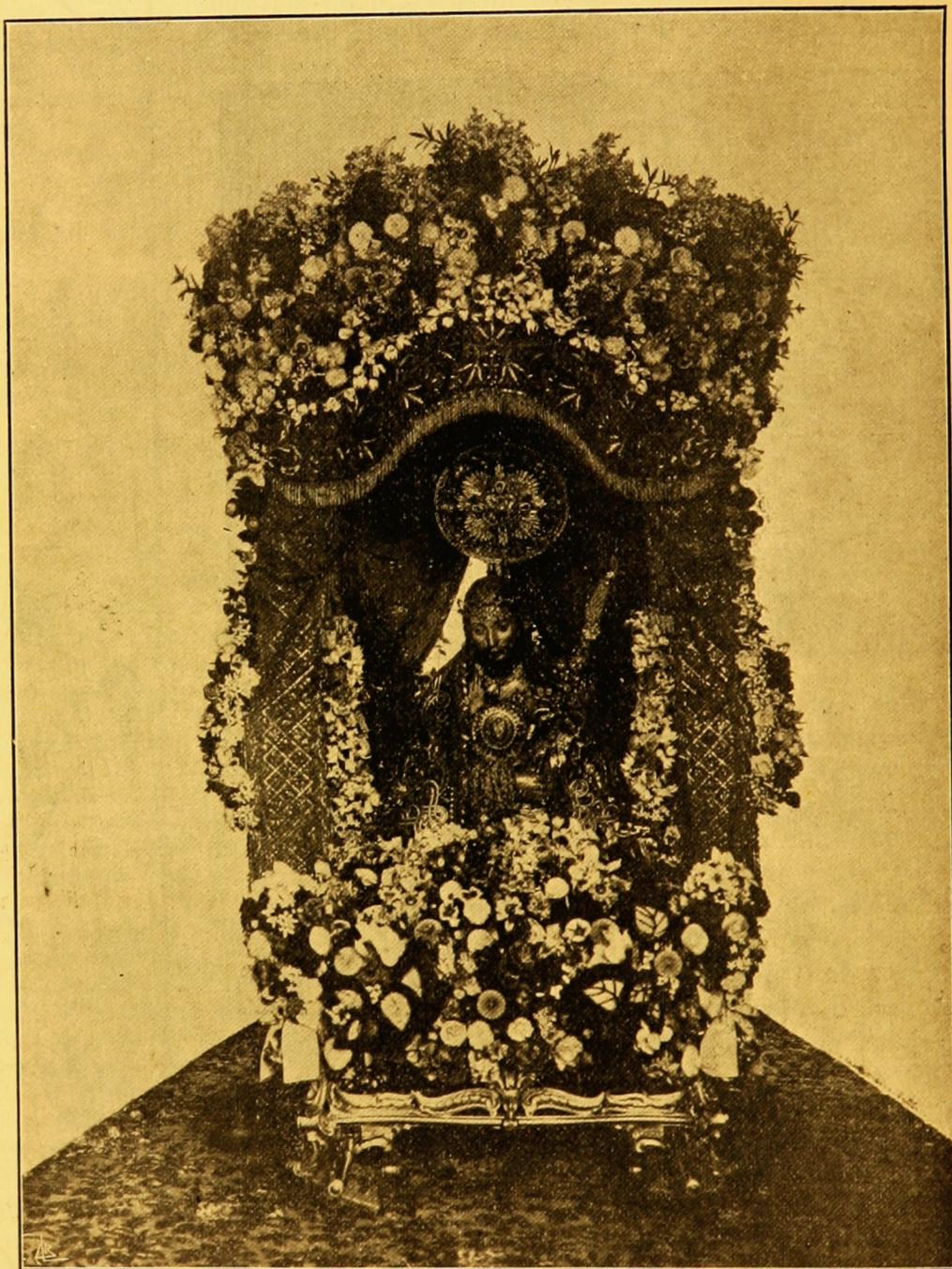
alli erravam restos de desespero, de tristeza, de revolta, d'abandono, d'ingratidão d'odio, sob a forma morbida d'uma melancholia acerba, que gerou a loucura do fim. Alli decorreram os serões interminaveis do mestre, desamparados frios, monotonisados pelo orgão do Jorge, martellando a mesma musica, egual, continua, monosonica, de mortal melancholia. N'aquelle pateo pinotearam os potros do Nuno, dado á esturdia e á gineta, na tradição fiel do morgadote minhoto, arruando pelas feiras e romarias, de jaqueta plebea com alamares de prata e espora campina de bolieiro. N'outro paiz, onde houvesse o legitimo culto das grandezas nacionaes, aquella casa, ha muito, que estaria transformada n'um pequenino museu, que religiosamente lembrasse a personalidade do mestre. Em Portugal o ca-

sarão de S. Miguel de Seide manteve-se abandonado e esquecido até que o incendio ultimo o veio lembrar.

E foi melhor assim! Aquellas paredes devoradas pelo fogo entram na lenda pela porta da desventura que, mantidas ao sabor do abandono, haviam d'entrar para a historia, pela porta escusa do esquecimento colectivo.

O incendio destruindo essa ultima recordação de Camillo foi, afinal, generoso, porque aquella casa, testemunha das horas amargas, que o abandonado romancista alli viveu crimosamente esquecida, e esquecido tambem n'um amargo abandono, era para todos nós mais do que uma recordação: era um remorso.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



ILHA DE S. MIGUEL (Açores)—Santo Christo dos Milagres
que se venera no Convento da Esperança, em
Ponta Delgada

A guerra do grotesco

DIR-SE-HA que precisamente no momento em que o bocejo vinha dilatar os labios dos leitores das gazetas de guerra, o humorismo veio salva-las do perigo da monotonia a que o inverosimil dos telegrammas, e o invariavel horror de pesadêlo das noticias, fatalmente as conduzia.

A guerra das armas, succedeu a guerra dos intellectuaes. A esta, a da *chargue*, a do grotesco propositado, a da troça, a da caricatura.

A voz de Zaratustra aconselha a rir deante da hecatombe...

E o riso já não estala, franco e alegre, como um guiso d'arlequim mostrando maculas alheias, apondo o comentario do traço exagerado ás figuras e aos casos quotidianos. Já não tem aquella fina mordedura de femininos dentes dilacerando mantos de sedã, nem abre com alfinetadas a pelle dos mascarados da vida.

O riso é agora a casquinada forte do insulto.

E' um grito de raças em lucta, é o odio feito arte, um riso de caveiras que põe arripios, cardos asperrimos rasgando carnes, violetas de ironia marginando um caminho ladrilhado de ossadas...

E porque o ardor bellico das raças leva ao exterminio, é feito de exageros raivosos, e não é portanto, capaz de afinar em estylête, de ser leve, de inutilisar com pouco, — a caricatura de agora, o grotesco da guerra é mais uma evocação do que propriamente uma ironia. O ideal da patria que atira para a morte milhares de filhos d'ella, não cabe n'uma piada transformada em traço.

Na caricatura, as potencias em conflicto apparecem-nos sempre com uma esmagadora grandeza. O urso slavo, ainda quando o pintam a rir, parece que vae estaçalhar os corpos das victimas. A aguia germanica dá nas caricaturas, a figuração de um corvo sinistro. No *bull-dog* britannico ha um mixto de ferocidade e de fealdade que repugnam. E até o gallo francez, de

pennas eriçadas traz á memoria os contornos d'um monstro com o dorso coberto de facas...

A morte, que os artistas allia-dos enfeitam com o casco prussiano, passeia em todas as gravuras, n'um scenario de ruinas fumegantes...

Ha tanto horror n'aquella imagem da morte aplanando o mundo com o canhão 420, do *Numero* de Turim, como n'aquell'outra do Kaiser fitando-se a um espelho que, com os frascos do toucador, devolve a visão d'uma caveira, publicada pelo *Rire*, de Paris.

E' sempre o symbolo que predomina. Nas gravuras do *Ulk*, de Berlim, a Allema-nha é representada n'uma grave figura de mãe, risonha e forte, distribuindo pão e espadas a seus filhos. A Inglaterra, nos cartazes de propaganda para a inscripção de voluntarios, quando abandona as feições caninas, ergue-se grandiosa como uma deusa, contemplando serena o desfilar das esquadras.

E um dos factos que para mim, no humorismo de guerra, confirma esta predominação do symbolo sobre o sorriso alegre encantadoramente latino, vivo, saltitante, cheio de frivolidade elegante, é o de que actualmente o mais popular dos humoristas francezes é Benjamin Rabier, o inimitavel caricaturista de animaes que os seus albuns de historias para as creanças tornaram famoso. Comprehende-se que para levar ao espirito infantil a ideia, o melhor vehiculo é a imagem, que é a base ou antes a essencia do symbolo.

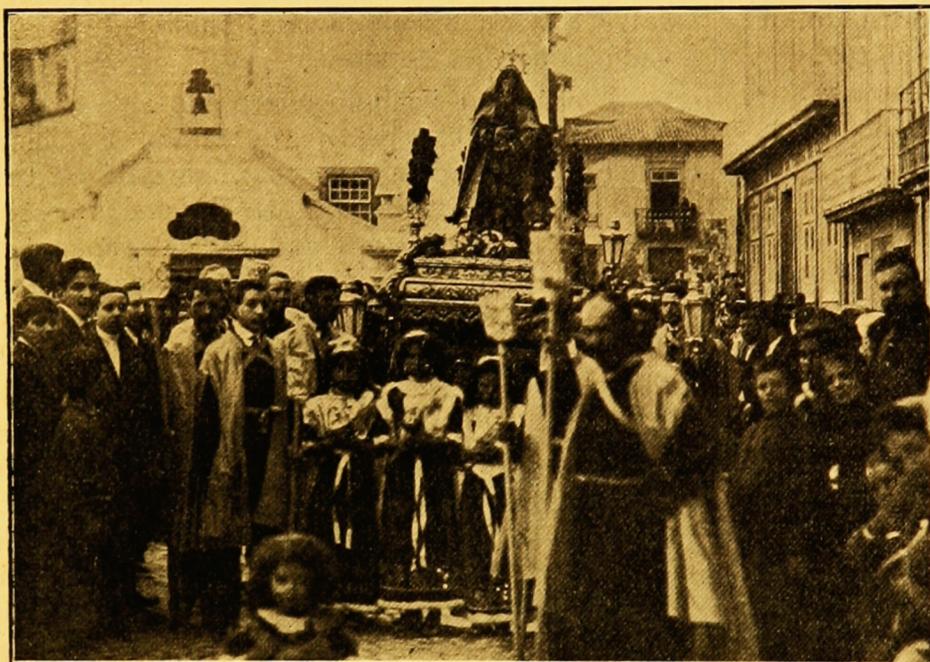
O povo é a velhissima creança. Rabier figura as nações em animaes, como nas historietas, e dá com elles a visão patriotica do momento, porque a féra é mais forte que o homem; fazendo assim, como que a efabulação da guerra, Rabier conseguiu um resultado ainda por nenhum outro inattingido.

Será todavia injusto occultar que sobre todas, as caricaturas francezas transmittem mais brilhantemente a galhardia heroica e teem um segredo das replicas fulgurantes.

Voltaire disse um dia que «em França tudo acaba a cantar». E assim succede. Gavroche deu a mão a Déroulède, Rouget de Lisle a Forain, a Guillaume, a Abel Faivre, a esta cama

radagem do heroismo e da *charge* constitue um grande triumpho latino.

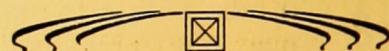
A caricatura franceza não tem, apesar de tudo, a aggressividade dos artistas dos paizes de bruma, não contem a energia esmagadora dos admiraveis satyricos allemães e inglezes. Nos seus traços ha a vibração dos clarins nas marchas audaciosas e nas cargas entusiasticas, e agilidade nervosa dos *cabarets*. Romanticos embora, trazendo para o humorismo aquelle aspecto de evocação que já notamos, os artistas do riso gaulez conservam ainda aquella graciosidade engenhosa de que o espirito latino é guarda e perulário.



VIANNA DO CASTELLO

Procissão de Passos

- 1) — O andor da veneranda imagem do Senhor dos Passos seguindo processionalmente pela rua Emygdio Navarro.
- 3) — O andor de Nossa Senhora.
- 3) — A passagem do pallio no Largo Vasco da Gama.



Assim, bem poderá dizer-se que a psychologia de um povo está nos lapis dos seus caricaturistas, cuja arte, precisa e subtil, possuindo um verdadeiro instincto historico de previsão e de analyse dos momentos contemporaneos, é ao mesmo tempo a correctora dos vicios e defeitos de hoje e uma documentação maravilhosa que amanhã fará reviver bellos e fortes na harmonia do traço os factos e as ideias.

F. D'ALMEIRIM.





VIANNA DO CASTELLO—A Procissão de Passos seguindo pela rua Emygdio Navarro

(Clielês do phot. snr. Roriz)

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

XVII

∞

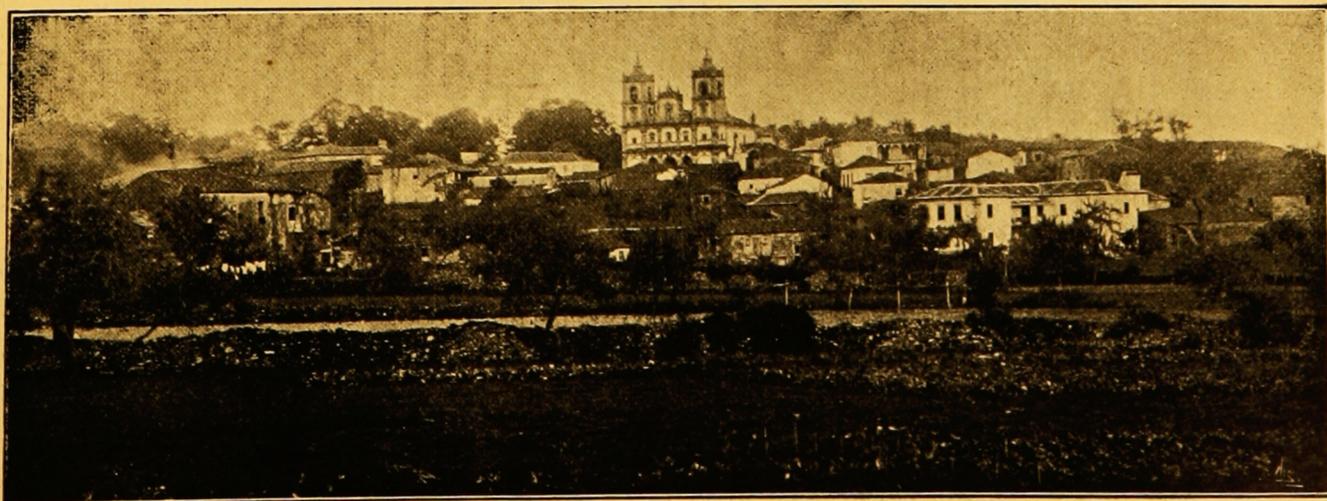


OS homens e os acontecimentos não desistiram das suas estranhas hostilidades ao grande cidadão e trabalhador.

Nenhum rasgado impulso de boa fortuna, ou apoio prestigioso, foi ao encontro d'aquelle organismo exausto, d'aquella alma dilacerada e incomprehendida.

Tinha ainda amigos devotados. Cercavam-no ainda dedicações, sympathias e bons votos. Mas a solidariedade dos seus correligionarios muito esfriara com a tregua relativa das paixões politicas. Os accordos eleitoraes, já muito frequentes, parecia que habituavam os antigos soldados do Visconde a uma apathia excessiva, inimiga de sacrificios e de calorosas resoluções.

As crises economicas e financeiras, tão insignificantes comparativamente ás dos ultimos tempos, affiguravam-se enormes aos homens de então, e d'ahi um medo, ou presentimento, de grandes ruinas. O egoismo veio, pois, da frouxidão do combate politico, e do sobresalto em que começou a viver a sociedade portugueza?



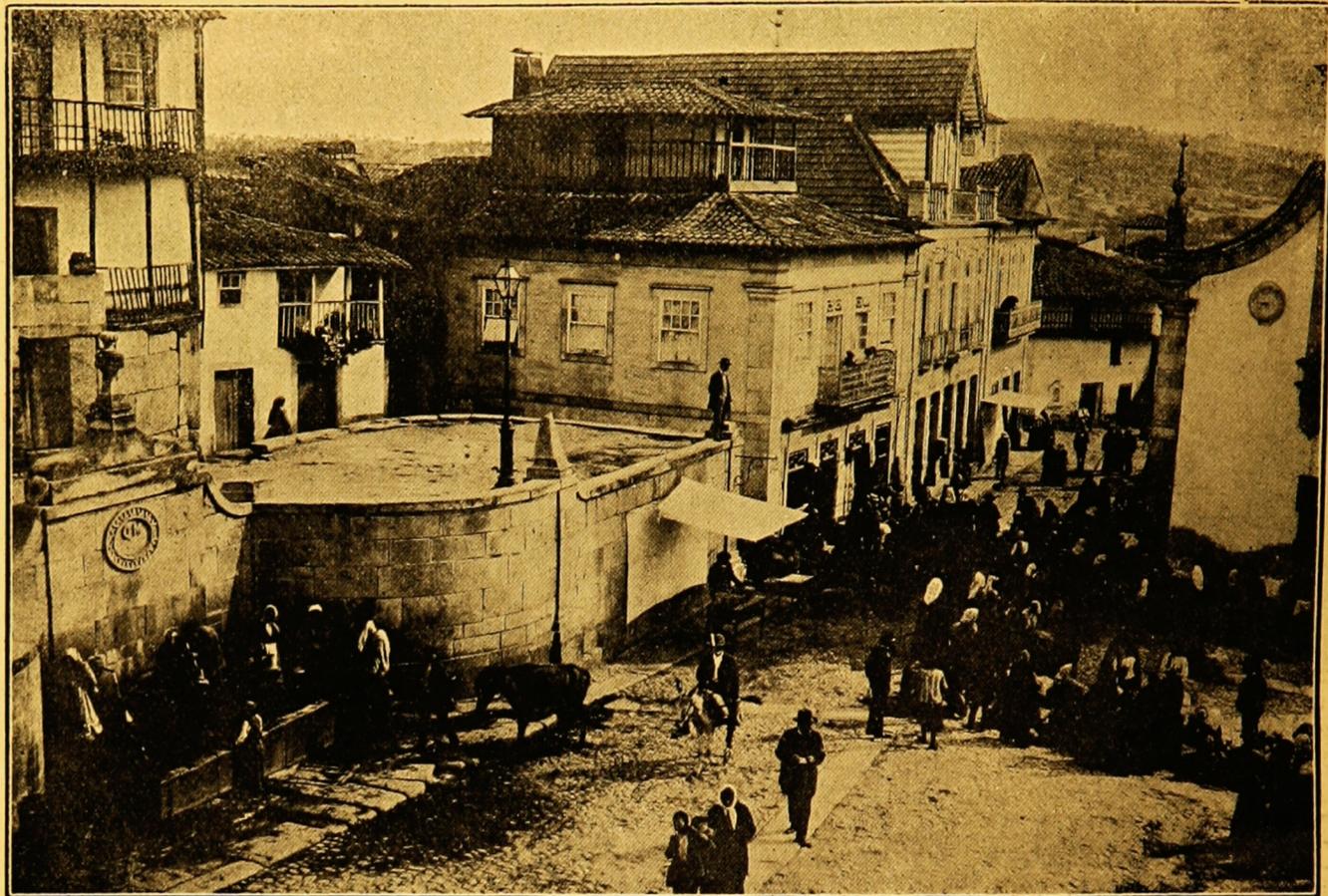
VALPASSOS—Vista parcial de Carrazedo de Montenegro



Talvez. E assim grandes e valorosos amigos do Visconde de Guedes Teixeira lhe não poderam valer. . . porque não poderam contar com a antiga e entusiastica solidariedade.

E a cidade de Lamego, esgotada porventura nos seus predicados affectivos por uma lu-

O Visconde comprehendeu, um dia, que estava sósinho, porque os raros verdadeiros amigos pouco podiam fazer para lhe darem o convivio que elle sonhava—a vida do trabalho moderno com capitaes arrojados e promptos para todos os lances.

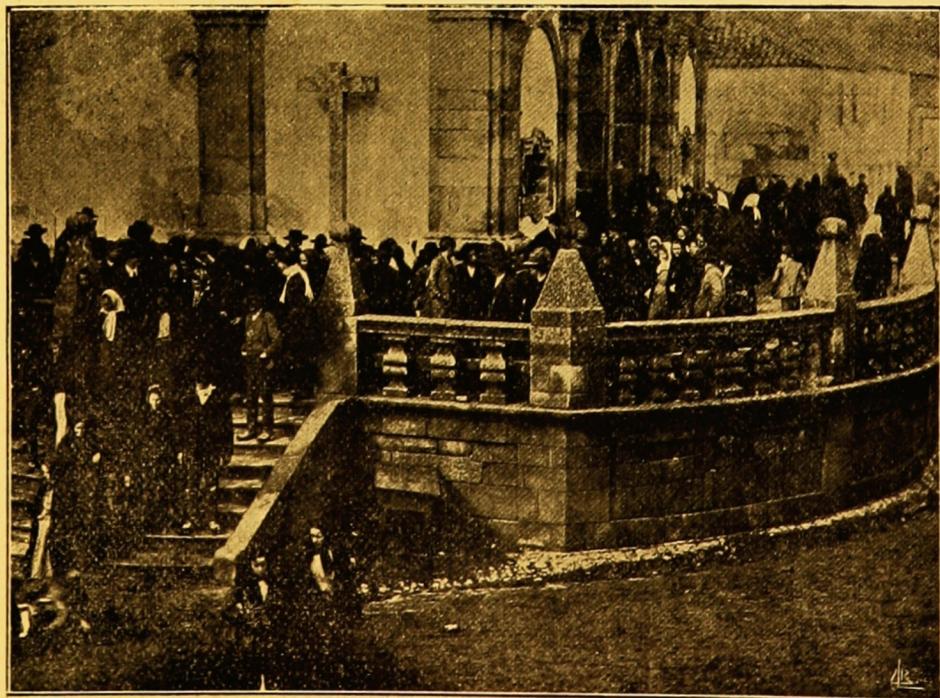


VALPASSOS—Chafariz e largo do Mercado

cta de tantos annos, que muito lhe perturbara e fatigara o coração, não comprehendeu a agonia do seu filho illustre, e ainda com a reserva de quem desconfia de tudo e de todos, deplorou apenas a depressão do grande luctador, mas attribuiu-a tanto a fatalidade como aos danos que resultam das chimeras.

Chega 1889. N'este anno, o Visconde é já uma sombra do que era. Tudo n'elle denota cansaço, amargura, ruina. A tez cadaverica, o olhar como que vidrado, os gestos convulsos, a palavra atormentada e triste, impressionavam toda a gente. A terrivel ironia da dôr sem remedio, funebriava-lhe o sorriso que fôra sempre aberto, generoso, indulgente. Nem já tinha ironias. Agora eram sarcasmos que só não desfechavam em blasphemias, porque a alma do enfermo fôra sempre illuminada pela mais alta e firme crença em Deus.

Vem enfim o mez de setembro, o mez da sua tão querida festa de Nossa Senhora dos Remedios, e o aspecto do luctador assusta e desconsola. A sua vigorosa organisação perde a calma, as forças, a energia. Mirra-se-lhe a carne, talvez devorada pelas convulsões dos nervos, e lê-se-lhe no olhar o pavor tragico de quem conhece que vae morrer demente, quasi ridiculo e desprezivel.



O povo sahindo da igreja de Carracedo de Montenegro



VALPASSOS—Egreja matriz

Infelizmente, o Visconde adivinhava. Ameaçava-o a demencia. O Visconde adivinhava-o e dizia-o angustiadamente a todos os seus amigos. A lucidez do espirito ainda luctava com estupendo valor contra a escuridão d'alma, e então prevenia o futuro, dispunha a vida, affirmava todo o seu reconhecimento aos que tinham sido sempre leaes, affectuosos, devotados. E, n'esses parenthesis dolorosos, era como que um vidente com a eloquencia d'um espirito que não quer abysmar-se de todo, sem deixar dito o que sente, o que soffre, o que espera do abysmo entreaberto.

Fora-se-lhe, entretanto, anniquilando a vontade. Ficava, cada

vez mais, apenas ao coração espantado e dorido porque tanto o iam apartando da razão vigorosa e limpida.

Conhecia que vinha chegando a loucura, e resignava-se já muito, ficando quasi risonho diante das trevas que, a principio, lhe provocaram desesperos e rebeldias.

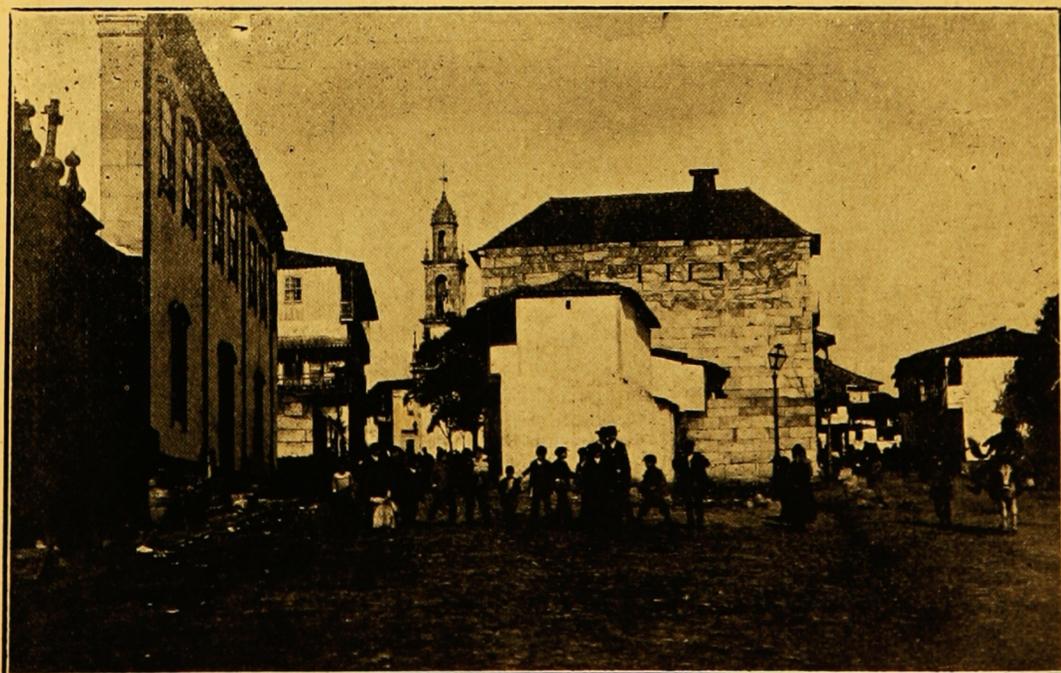
E a todos annunciava a sua irremediavel desgraça.

Depois, salteou-o uma angustia nova. A demencia não o aterrava já: o que o apavorava era o escarneo dos seus adversarios e inimigos. E a nova dôr intensificou-lhe immensamente a morbidez profunda. Só Deus podia valer-lhe.

Mas, no meio d'este horror, o Visconde tinha ainda uma grande fé na cura. Parece mesmo que essa fé veio providencialmente ao seu espirito na occasião em que teve como positivo o assalto da demencia. Comtudo, a angustia quasi só mudou de rumo. Esperava curar-se, mas, embora perfeitamente curado, não ficaria inutil para sempre? Não lhe apontavam depois os adversarios, sardonicamente, a loucura, sempre capaz de recahida? Não ficavam elles com terrivel polvora para o ferirem, zombando e declamando? Poderia voltar á vida publica, se tal desgraça fosse conhecida?

E, desde que pensou isto, todo elle foi pedir á familia e aos amigos, que guardassem segredo sobre tanto infortunio, que o não mandassem para qualquer casa de saude do paiz, que o levassem depressa para a França a pretexto de o curarem de uma profunda anemia.

Responderam-lhe com enthusios e alentos, com esperanças generosas. O optimismo de todos era, afinal, bastante sincero, porque todos



Duas ruas



aterrava quasi tanto como o desequilíbrio mental.

A medicina cruzava os braços, pretendendo um prodígio, mas o milagre não chegava, o enfermo estorcia-se em allucinações constantes, e já n'aquelle lar nem havia descanço, nem esperança, nem mesmo forças para ver soffrer.

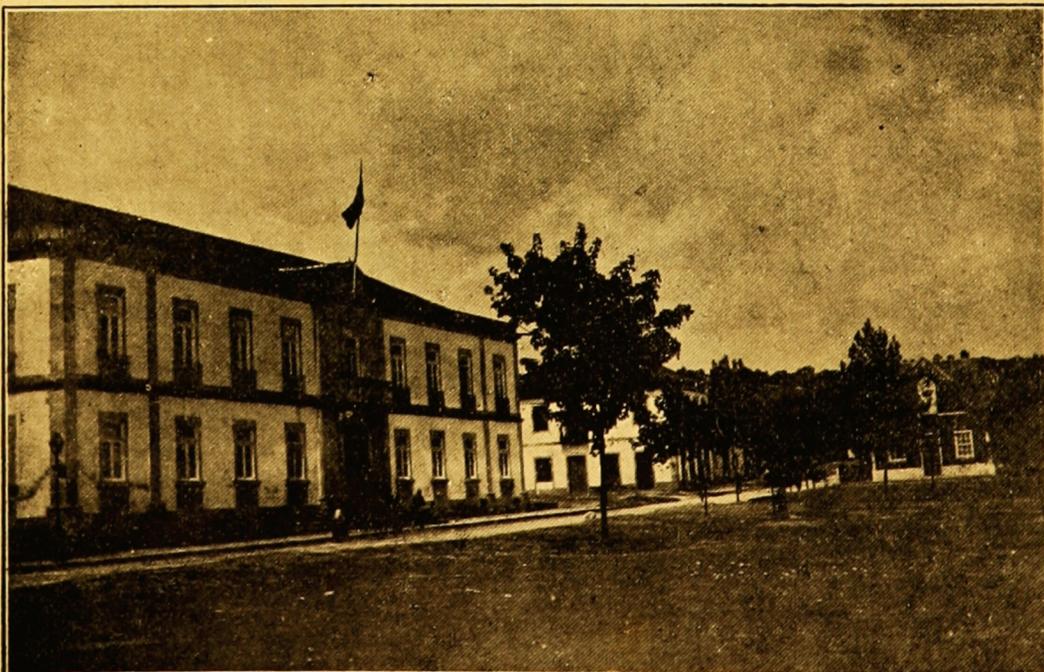
Foi então — diz commovidamente o senhor Antonio Albino d'Andrade— *que foi lembrada a constante recommendação do doente* — levarem-no para o estrangeiro, procurarem os alienistas mais eminentes, fustando-o assim talvez á loucura irremediavel e aos sarcasmos dos inimigos...

confiavam muito do vigor excepcional d'aquelle cerebro.

Mas a doença desmentia todos os anhelos, ou antes, desprezava-os cruelmente. A loucura vinha convulsa e alarmante.

Setembro e Outubro decorreram tristes para todos que o viam accometido de sinistras epilepsias, cada vez mais toldado o entendimento, mais desconexa a palavra, mais rara a lucidez estupenda dos primeiros dias de sofrimento.

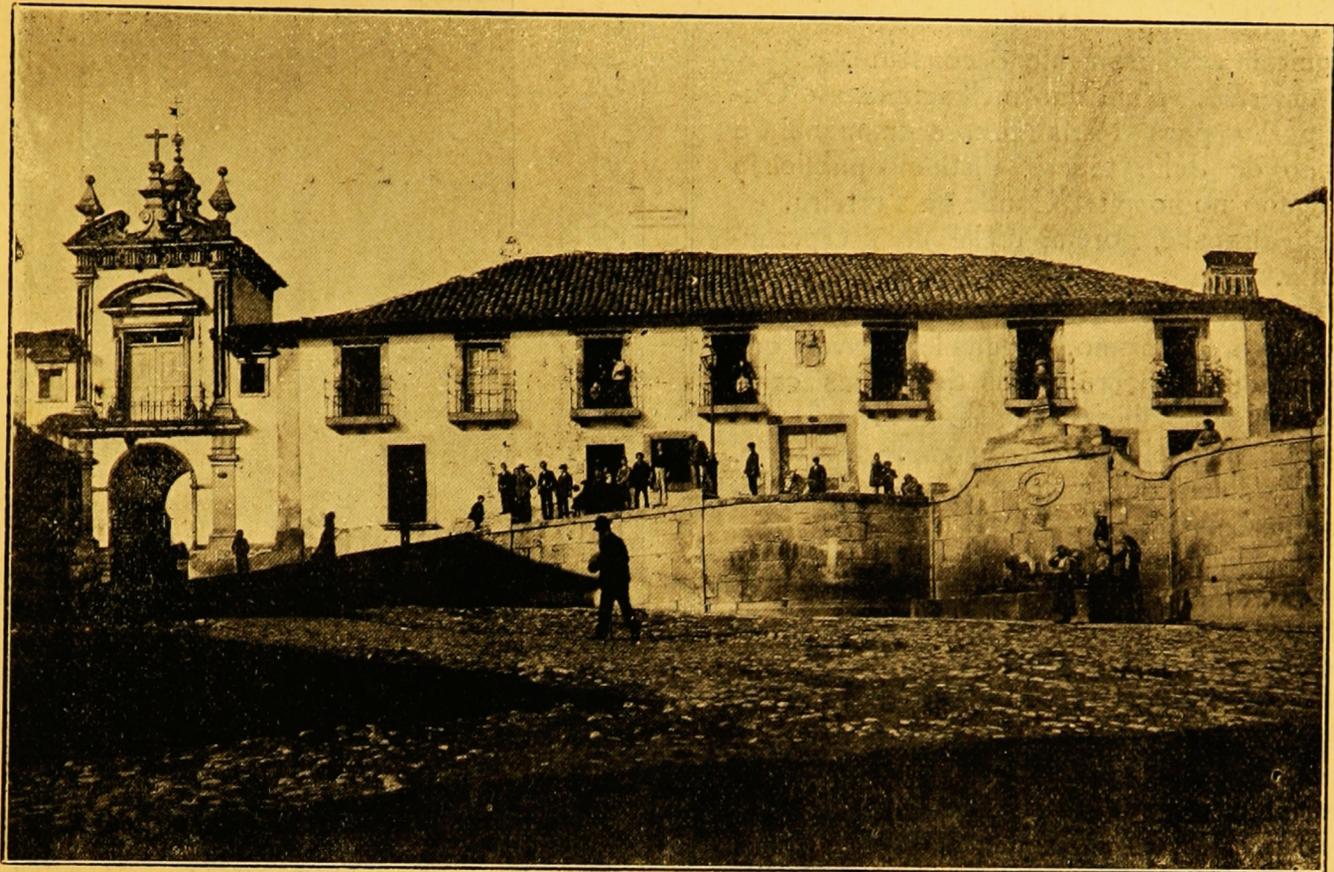
O doente começava — como é vulgar — a sentir horror pelos que mais amava e o amavam. As crises eram cada vez mais frequentes e pavorosas. O definhamento physico já



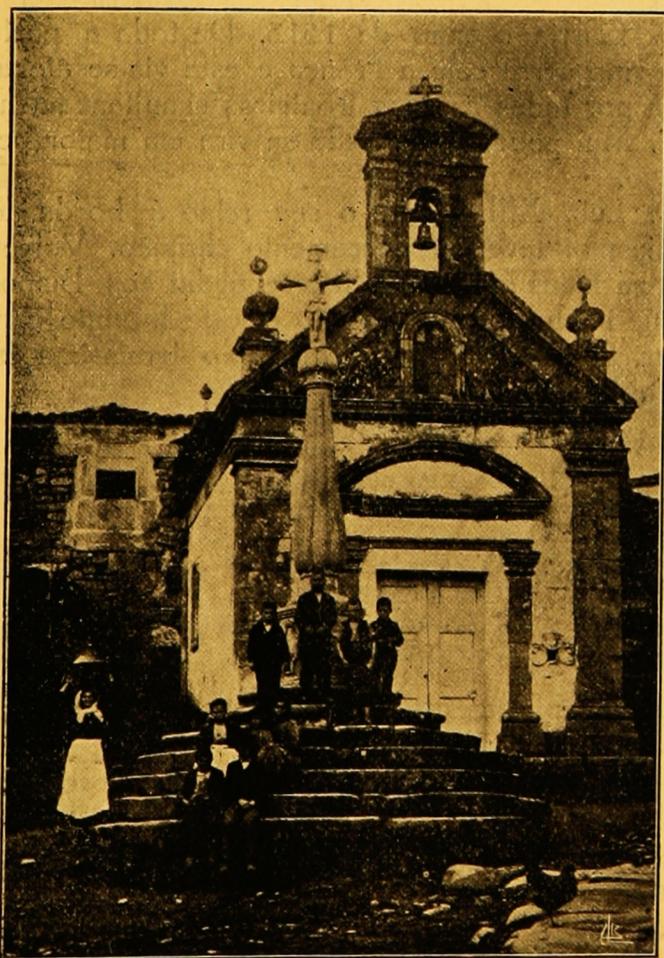
- 1) — VALPASSOS. Habitação do Reitor Thimoteo Barroso, freguezia da Veiga de Silla.
- 2) — Freixedo. Habitação da Ex.^{ma} Snr.^a D. Izabel Alves.
- 3) Largo do Tribunal.

que de tal jaez os tinha!

O notavel psychiatra dr. Julio de Mattos aconselhou o internamento na casa de saude *Chateau de Suresnes*, perto de Paris,

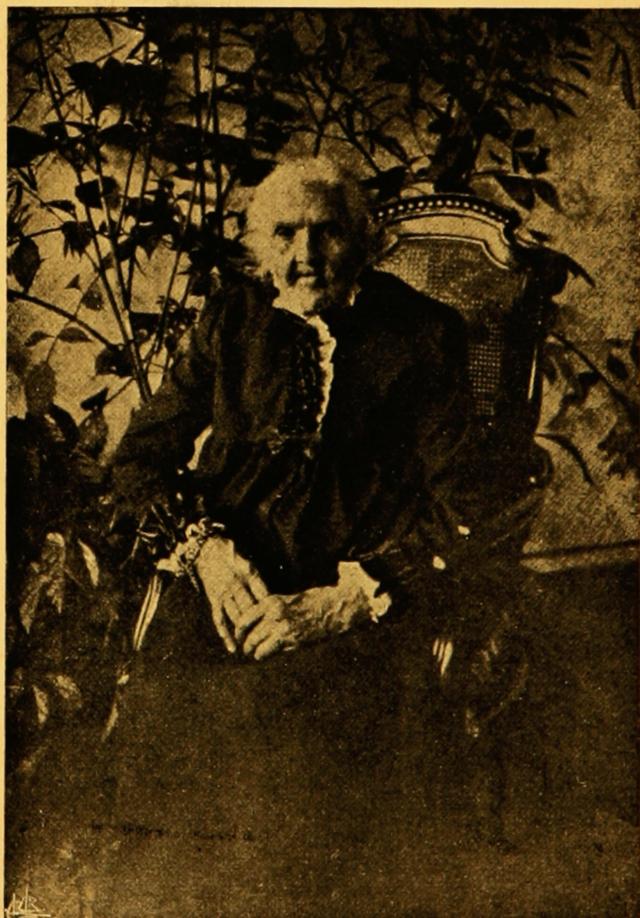


VALPASSOS—*Casa nobre*



Cruzeiro e capella de S. Sebastião
(*Carrazedo de Montenegro*)

(Clichés do sr. Telles Grillo)



D. Candida Torres de Cabrera

mãe do sr. Gregorio Cabrera, da Casa dos Castellos
(Bom Jesus do Monte).

Fallecida no dia 12 de março com 100 annos de idade



dirigida por especialistas superiores Saury, Revertégat e Magnan.

Seguiram religiosamente o conselho.

O enfermo, n'um dia melancólico d'Outubro, partiu para Paris com a companhia e protecção de Julio Gama, distincto publicista e empregado no hospital Conde de Ferreira.

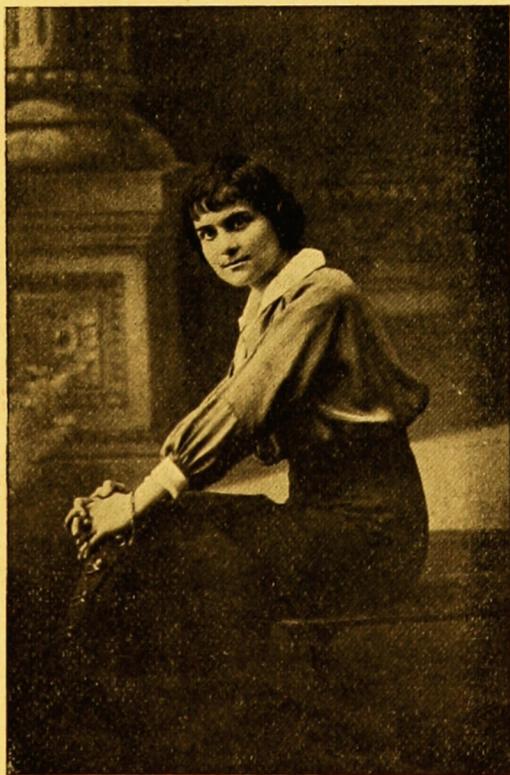
Despediram-se, porém, d'elle com esperanças ainda.

O prestigio dos alienistas estrangeiros explicava muito o optimismo. Alguns lembravam que só costumam ser incuráveis as demencias caracterizadas por apathicas manias. Outros fiavam tanto ainda d'aquelle cerebro, sempre tão forte, que não podiam conformar-se com a possibilidade d'um desastre.

Voltou Julio Gama, portador de generosas promessas. Não é tudo possível a Deus? Não pôde tanto a Sciencia, dom inestimável que o homem recebe da misericórdia divina?

Esperar?! Porque não? Entretanto, em Chateau de Suresnes o Visconde tinha tambem fé e allivio. Os directores rodeavam-no de cuidados, carinhos e estudos tenazes e profundos, tentando penetrar-lhe na alma, fortifica-la, arrancando d'ella tão benéfica, victoriosa e perfeita força vital, que todo o cerebro reconquistasse o vigor e o equilibrio.

JOSÉ AGOSTINHO.



D. Sylvia Gomes

que em recentes concertos no Porto e em Famalicão tem dado provas brilhantissimas das suas qualidades como pianista e harpista de valor



D. Esther Brandão

discipula de Pedro Blanco, organisadora do magnifico concerto ha pouco realizado em Famalicão e em que uma vez mais confirmou as suas qualidades de pianista

Fastos do Catholicismo



O Salutaris Hostia

Corria o anno de 1513. De toda a parte havia guerra com a França e esta via-se atacada por todas as suas fronteiras simultaneamente. Mui poucas vezes ella se vira em maior perigo.

Luiz XIII, vendo o seu reino á borda do abysmo, teve um pensamento christão. Volveu para Deus os seus olhos e pediu aos Bispos que implorassem o auxilio celeste fazendo cantar, no momento da elevação, a ternissima estrophe:

*O salutaris Hostia,
Quae caeli pandis ostium,
Bella premunt hostilia,
Da robur, fer auxilium!*

O' salvadora Hostia
Que o céu nos abrirá,
Pois guerra nos opprime
Força e auxilio dá!

E os francezes não tardaram em experimentar os resultados benéficos d'esta devoção.

Pobre França dos nossos dias; se os catholicos quizessem seriamente tornar á adoração, á Missa e á Communhão! Quando seremos, diz um jornal francez, mais logicos com a nossa fé? Quando faremos *trabalhar* o Santissimo Sacramento, segundo a energica expressão do veneravel P. Eymard?

Temos junto de nós, no meio de nós, o verdadeiro Salvador, e não nos damos pressa para voltar a Elle, para gritar-lhe como nos outros tempos os Apostolos. Senhor, salva-nos, que perecemos!

A Tragedia das Tragedias

I As Sete Dores de Maria

Maria, de Simeão, sobre o menino
ouve o atroz vaticínio e dá um grito.
Foge do lobo Herodes, o *assassino*,
e alta noite, nas sombras, busca o Egypto.

Corre Jerusalem em choro afflito
em busca de Jesus, e atroz destino,
mais tarde o vê, como um ladrão maldito,
n'um lenho a suar sangue purpurino.

Embuçada n'um amplo, hebraico manto,
vê-o pender, gemer, lavada em pranto,
Elle, o Triste... o Poeta... o Sonhador.

Cinge-o em vasto abraço, e em vastos ais.
E cae depois a ulular:— *Vós que passaes*
vêde se ha dôr igual a esta dôr!

II

A Lançada de Longuinhos

(Variante)

Quando Elle emfim morrendo, elle o cordeiro,
pomba mansa no ar calado e immundo,
pendeu tal como um lirio moribundo,
sobre a haste de tragico madeiro...

Quando exalando o espirito profundo,
ao reino bello, grande, verdadeiro,
caiu emfim chagado, justiceiro,
ainda, ainda, perdoando ao mundo...

Um soldado romano vendo-o exposto,
já livido na Cruz e em sangue o rosto,
com a lança afinal o trespassou.

Saiu d'aquella chaga sangue e agua:
—Sangue que inda escorreu de tanta magua.
Pranto *contido* que afinal chorou.

GOMES LEAL.

Caricaturas internacionais da guerra



O perigo do bloqueio da Inglaterra pela Alemanha: o protesto dos neutraes

(Do jornal inglez *John Bull*)



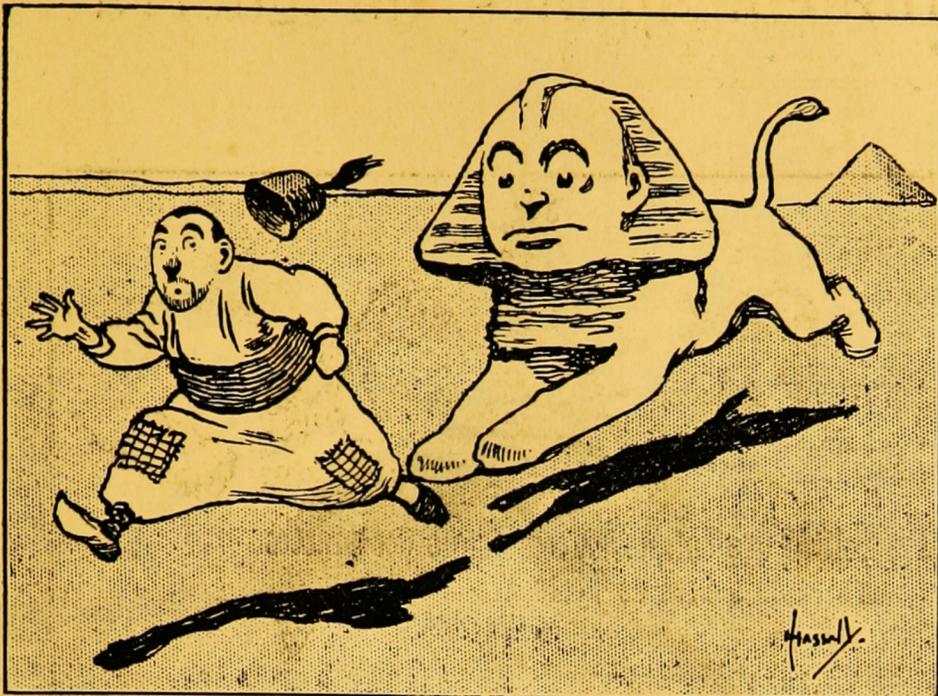
O governo allemão, temendo a fome, assumiu a distribuição official do pão de guerra.

(Do jornal allemão *Der Brummer*)



A fome na Alemanha. Querido Fritz, — escreve a matrona allemã — agradecemos-te as joias, os bellos vestidos e os relógios (roubados na Belgica e na França) mas para a outra vez manda-nos... pão.

(Do jornal francez *Le Journal*)



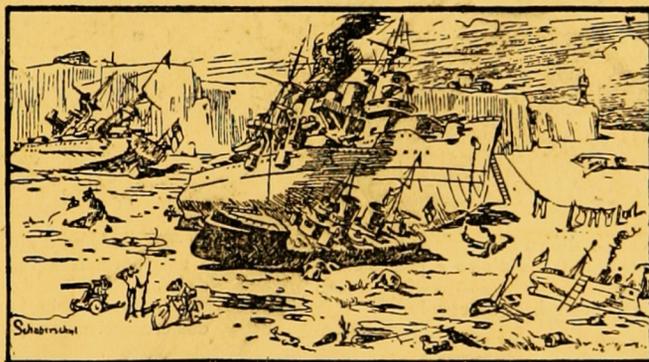
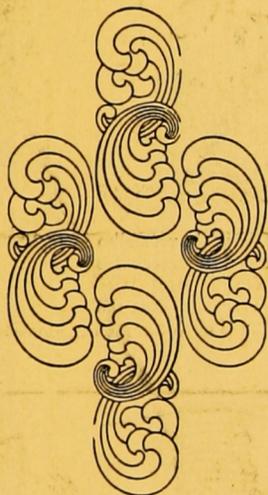
Resultado do primeiro ataque dos turcos contra o Egypto

(Do Star, inglês)



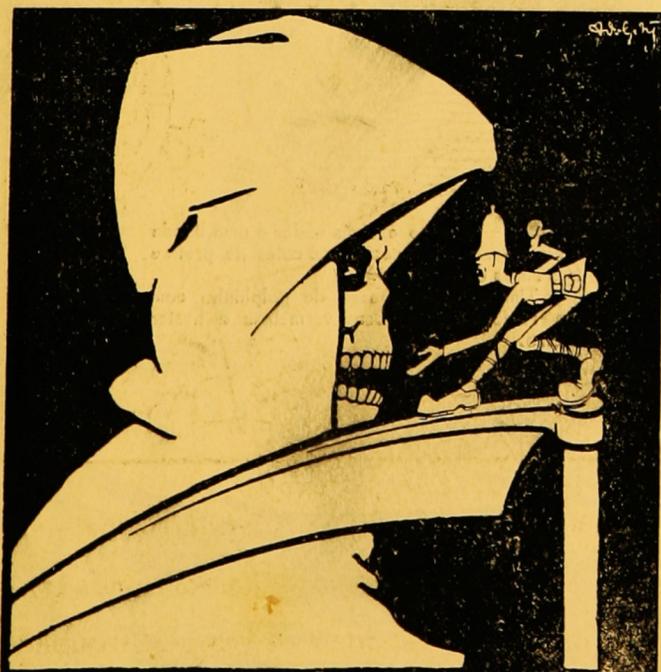
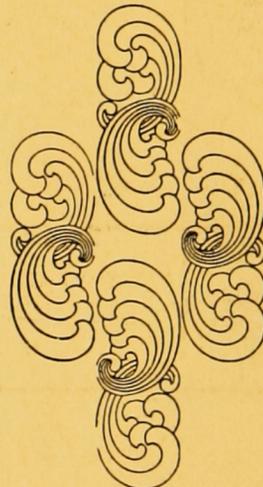
Porque houve um ataque contra o Egypto

(Do Eagle de Brooklyn, Estados Unidos)



Outro sonho allemão desvanecido: o canal de Suez encerrado e secco! Os turcos que o digam!

(Do Lustigae Blaetter, allemão)



Como a phantasia allemã imagina a Inglaterra caminhando para uma morte certa na lucta actual.

(Do jornal Der Brummer, allemão)

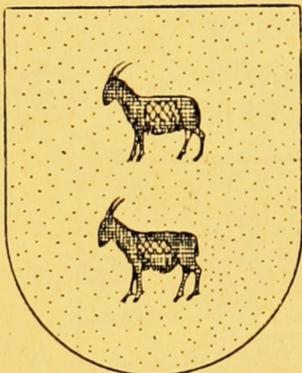


A passagem dos Dardanellos: a voz é dura mas a marinha inglesa tem bons dentes.

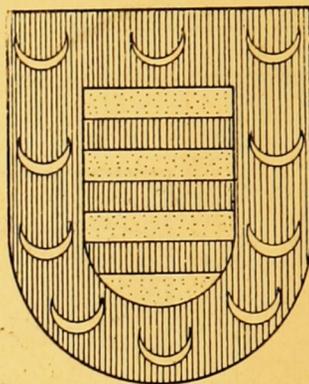
(Do jornal inglês Evening News)

ARMARIA PORTUGUEZA

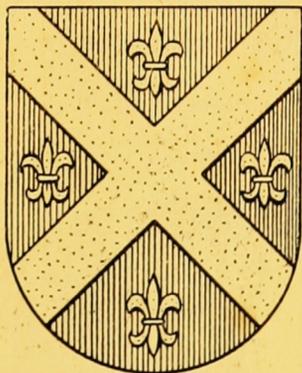
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



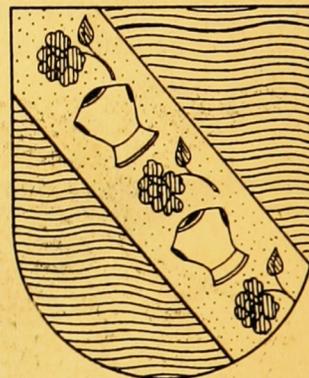
Bayam. — Em campo d'oiro duas cabras passantes de negro enxequetadas d'oiro e postas em pala.
Timbre: uma das cabras do escudo.



Beça. — Em campo d'oiro tres fachas de vermelho e uma bordadura vermelha cheia de crescentes de prata.
Timbre: meio lobo de vermelho com um dos crescentes na espadua.



Bejas. — Em vermelho uma cruz d'oiro posta em aspa entre quatro lizes do mesmo.
Timbre: uma aspa de vermelho com uma flôr de liz por cima.



Beliagoas. — Campo azul ás ondas e uma banda d'oiro guarnecida com duas cotas de prata e tres rosas de vermelho.
Timbre: uma cabeça de golpinho com um ramo de tres rosas vermelhas e hastes d'oiro.

